

Objetos em movimento: uma proposta de análise para a variação no uso de verbos bitransitivos no português

Objects in motion: a proposal for analyzing the variation in the use of ditransitive verbs in Portuguese

Valdilena RAMMÉ*

Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO: O presente artigo busca explorar a possibilidade de uma aproximação entre os quadros teóricos da Nanossintaxe (Starke, 2010; Ferreira, 2021) e da Semântica Conceitual (Jackendoff, 1983, 1990). Para isso, são discutidas convergências teóricas e comparadas propostas de análise que buscam descrever os significados de construções bitransitivas do português e suas possíveis realizações sintáticas. Nas breves análises aqui apresentadas, é dada especial atenção aos dados de variação nos usos dos verbos bitransitivos do português e seus argumentos, buscando-se elucidar o que estaria licenciando a Alternância Dativa em nossa língua. Como resultado dessa discussão, defende-se a tese de que, ao estabelecer um diálogo entre a Nanossintaxe e a Semântica Conceitual, podemos estar abrindo caminho para a elaboração de uma teoria mais simples e acurada sobre a interface sintaxe-semântica.

PALAVRAS-CHAVE: verbos bitransitivos; alternância dativa; variação.

ABSTRACT: This article aims to explore the possibility of an approximation between the theoretical frameworks of Nanosyntax (Starke, 2010; Ferreira, 2021) and Conceptual Semantics (Jackendoff, 1983, 1990). To this end, it discusses theoretical convergences and compares analytical proposals that seek to describe the meanings of ditransitive constructions in Portuguese and their possible syntactic realizations. In the brief analyses presented here, special attention is given to data on the variation in the use of ditransitive verbs in Portuguese and their arguments, aiming to elucidate what licenses Dative Alternation in our language. As a result of this discussion, it is argued that by establishing a dialogue between Nanosyntax and Conceptual Semantics, we may be paving the way for the development of a simpler and more accurate theory of the syntax-semantics interface.

KEYWORDS: ditransitive verb; dative alternation; variation.

Introdução

* Doutora em Letras - Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Fortaleza, Ceará. E-mail para contato: valdilena.ramme@ufc.br.

A Semântica Conceitual (SC) é a teoria desenvolvida por Ray Jackendoff ao longo das últimas quatro décadas. Ela se situa no campo das ciências cognitivas, pois assume o compromisso de aproximar as investigações sobre o significado das línguas naturais a pesquisas de outras áreas da cognição humana, com especial atenção para a dimensão psicológica da linguagem. Segundo o autor, "[e]studar a semântica da linguagem natural é estudar psicologia cognitiva. (...) Quando vista adequadamente, a estrutura gramatical das línguas naturais oferece uma nova e importante fonte de evidência para a teoria da cognição" (Jackendoff, 1983, p. 3, tradução nossa).

Nesse contexto, o presente artigo expõe um breve recorte de uma pesquisa maior que busca entender a relação entre os significados de construções bitransitivas do português e suas possíveis realizações sintáticas. Para isso, este texto explora a possibilidade de uma aproximação entre os quadros teóricos da Nanossintaxe (Starke, 2010; Ferreira, 2021¹) e da Semântica Conceitual (Jackendoff, 1983, 1990). Na análise aqui apresentada como amostra dessa possível afinidade, são descritos alguns dados de variação nos usos dos verbos bitransitivos do português.

O interesse por esse tema surge de uma constatação simples. Ao longo das últimas décadas, diferentes trabalhos desenvolvidos no âmbito da Nanossintaxe se apoiam na ontologia da Semântica Conceitual para proporem os traços primitivos que seriam os elementos básicos do sistema gerativo sintático. A própria noção de Hierarquia Temática conceitual de Jackendoff encontra eco na proposta da Sequência Funcional universal (*fseq*) da Nanossintaxe.

Apesar disso, por uma escolha metodológica, os trabalhos em Nanossintaxe tendem a se concentrar na descrição de aspectos formais, morfológicos e sintáticos, da linguagem e não se comprometem com a discussão sobre a interface entre o módulo (nano)sintático e o módulo semântico/conceitual. De modo geral, subentende-se que a contribuição do módulo semântico ou conceitual se daria através do "conteúdo conceitual/enciclopédico" associado a um item lexical. Ao mesmo tempo, porém, muitos trabalhos também assumem que o sentido das estruturas nanossintáticas pode ser derivado diretamente do módulo sintático, nos moldes da Semântica Formal.

Tanto Ramchand (2008), quanto outras referências na área da Nanossintaxe (Svenonius, 2006; Starke, 2009; Pantcheva, 2011; Ferreira, 2021), contudo, assumem que

¹ Para os/as leitores/as lusófonos, deixo aqui uma referência que apresenta esta teoria em língua portuguesa.

existem aspectos do significado que devem estar representados diretamente no sistema sintático. Segundo Ramchand "certos aspectos do significado (...) pertencem à gramática propriamente dita (ou seja, à sintaxe), enquanto outros aspectos do significado, chamados de semântica extralinguística ou conceitual, estão fora da gramática" (Ramchand, 2008, p. 17, tradução nossa).

Nesse sentido, para Pantcheva (2011) e Svenonius (2006), o significado de preposições pode ser decomposto em traços primitivos conceituais mais finos, como Trajetória e Lugar, conforme sugere a Semântica Conceitual. Ao mesmo tempo, para Ramchand (2008, p. 38), há uma correlação direta entre a sintaxe e a semântica da estrutura de eventos. A sintaxe opera, assim, sobre os traços primitivos da decomposição da estrutura de eventos, como causação/iniciação, processo e resultado. Ramchand (2008), além disso, assume uma relação estreita entre o que ela chama de "conteúdo conceitual" e os "aspectos estruturais do significado". Segundo a autora, "(...) o item lexical contribuirá com o conteúdo conceitual para os aspectos estruturais do significado" (Ramchand, 2008, p. 15, tradução nossa).

É inegável que tal hipótese remete à tese de Jackendoff (1983, 1990), que também argumenta em favor da existência de uma relação estreita entre a estrutura semântico-conceitual e a estrutura sintática. Neste ponto, precisamente, Jackendoff se distancia de propostas da tradição gerativa que estipulam um nível semântico separado, responsável pela interpretação do "significado linguístico", que depois é associado aos significados conceituais/extralinguísticos. Jackendoff (2002, 2010), ademais, defende que a relação entre significados mais gramaticais, por um lado, e mais lexicais, por outro, não esteja dividida de forma tão categórica, mas, ao contrário, se estabeleça como um *continuum*. Logo,

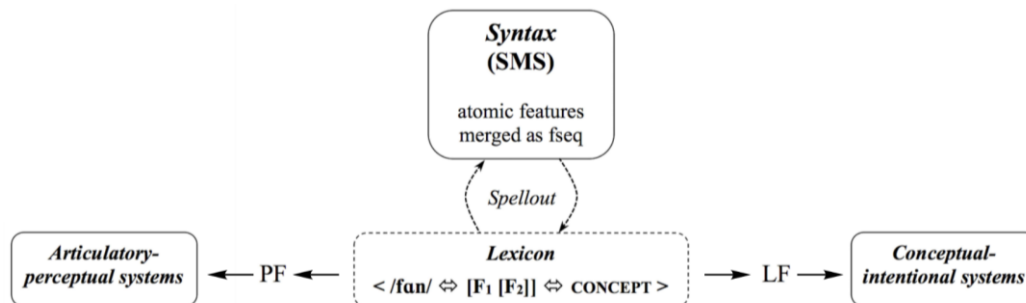
palavras, expressões idiomáticas, regras gramaticais e afixos regulares possuem todos um formato comum, ou seja, são pedaços de estrutura armazenada. Este *continuum* entre a idiosincrasia e a regularidade é uma característica da Gramática Cognitiva (...), bem como da Arquitetura Paralela. Tal tratamento contraria fortemente a suposição tradicional de que uma língua pode ser dividida claramente em um léxico e uma gramática. A gramática gerativa convencional adotou essa suposição central de forma acrítica. (Jackendoff, 2010, p. 19, tradução nossa)

Na perspectiva da SC, contudo, esse "significado estruturado" encontra-se no módulo semântico-conceitual, denominado Estrutura Conceitual. Para Jackendoff (2010,

p. 8, tradução nossa) os "significados de palavras e sintagmas possuem uma estrutura interna construída 'algebricamente' a partir de um estoque finito e inato de primitivos e princípios de combinação." O raciocínio por trás dessa proposição é simples e se inspira na Gramática Gerativa: já que "somos capazes de compreender um número ilimitado de significados, tanto para palavras quanto para frases, e esses significados não podem ser todos 'memorizados' ou 'pré-programados', eles devem ser o produto de um sistema gerativo finito" (Jackendoff, 2010, p. 8, tradução nossa).

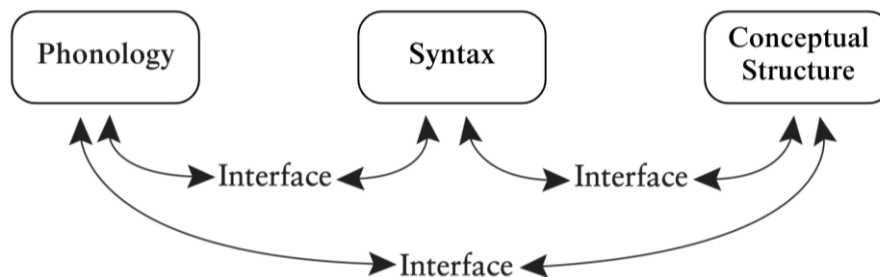
A partir do exposto, nota-se que a Nanossintaxe e a Semântica Conceitual, embora partam de perspectivas aparentemente opostas, possuem pontos de convergência, em especial o entendimento de um relacionamento estreito entre a sintaxe e a semântica, além de uma visão estruturada e hierárquica da relação entre os traços semântico-conceituais primitivos (mesmo que em níveis diferentes). Assim, uma das hipóteses do presente trabalho é que seria possível estabelecer uma relação direta e estruturada entre o nível nanossintático e a Estrutura Conceitual, o que permitiria conjugar as duas propostas de arquitetura da gramática abaixo em uma só (Fig. 3):

Figura 1: Arquitetura da Gramática de acordo com a Nanossintaxe



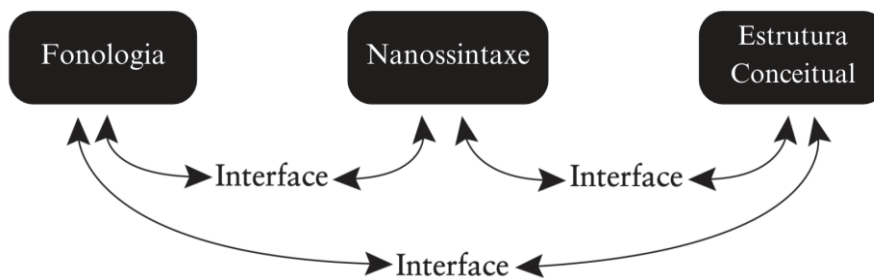
Fonte: Adaptado de Baunaz e Lander (2018, p. 26)

Figura 2: Arquitetura Paralela da Gramática de acordo com a SC



Fonte: Adaptado de Jackendoff (2010, p. 3)

Figura 3: Arquitetura Paralela incorporando a Nanossintaxe e a SC

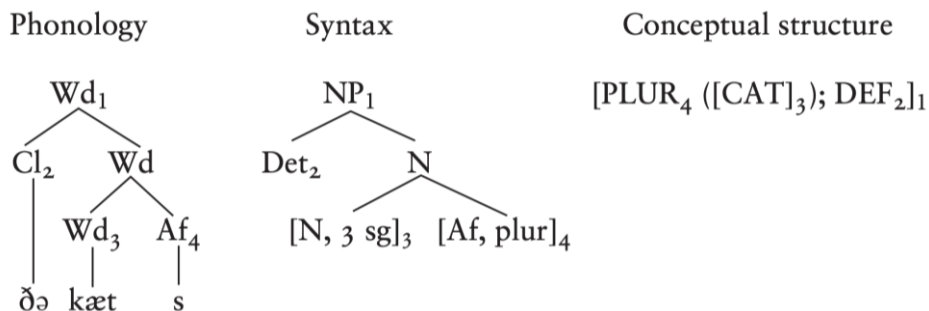


Fonte: A autora

É importante notar que, no modelo da Figura 3, estamos assumindo que, diferentemente da arquitetura atualmente aceita pelo modelo da Nanossintaxe, o nível semântico seria mais do que um módulo interpretativo e não seria separado em um módulo lógico-formal e outro conceitual. Paralelamente, ao admitir que o módulo sintático é, de fato, nanossintático, estamos divergindo da concepção tradicional de sintaxe adotada pelo modelo da Semântica Conceitual. Logo, adotamos a proposta nanossintática de que o módulo sintático não opera sobre elementos como itens lexicais, mas sim sobre traços semântico-conceituais primitivos.

Nessa concepção paralela da arquitetura da gramática, além disso, é importante destacar que todos os módulos são autônomos e gerativos, com uma complexa organização interna. À interface, porém, só estariam acessíveis as estruturas construídas por cada módulo. Suas regras e princípios internos permaneceriam ocultos para os outros níveis. Desse modo, a relação de um módulo com o outro só se daria a partir das estruturas geradas por cada um. Essas estruturas seriam, ademais, a informação guardada nos itens lexicais de uma língua, conforme se observa na representação abaixo (Jackendoff, 2010, p. 369):

Figura 4: Representação da interface entre os módulos fonológico, sintático e conceitual



Fonte: Jackendoff (2010, p. 369)

É importante notar que o Léxico é, na perspectiva da Semântica Conceitual, um módulo de interface, não um módulo gerativo. O módulo gerativo que opera sobre os significados da linguagem (e possivelmente faz interface com outros módulos cognitivos) é a Estrutura Conceitual (Jackendoff, 1983, 1990, 2002, 2010). Isso posto, em relação aos objetivos do presente artigo, para além da aproximação teórica entre a Nanossintaxe e a Semântica Conceitual, almeja-se apresentar uma sucinta amostra da pesquisa mais ampla, que busca descrever de forma abrangente as estruturas conceituais associadas aos itens que integram a construção bitransitiva no português e suas alternâncias. Este esboço é importante para, em um momento futuro, buscarmos entender e determinar formas de prever as correspondências que existem entre as estruturas conceituais e nanossintáticas dessas construções.

Logo, no horizonte mais amplo da pesquisa em andamento está o objetivo de explicitar as regras ou princípios que estariam regendo as correspondências entre o nível nanossintático e a Estrutura Conceitual. A hipótese é que seria possível reduzir a quantidade e o poder das regras de interface adotadas na teoria da Semântica Conceitual, assumindo o enriquecimento, independentemente motivado, da estrutura de traços da (nano)sintaxe com primitivos da Estrutura Conceitual, como, ademais, já tem sido amplamente demonstrado pelas pesquisas da Nanossintaxe². Por trás desse projeto, encontra-se também a defesa de que uma teoria linguística deve preocupar-se com os aspectos psicológicos e cognitivos da linguagem, como faz a Semântica Conceitual (Jackendoff, 1983, 1990). Na próxima seção, buscaremos explicitar os fundamentos desse posicionamento.

O artigo está organizado, portanto, da seguinte maneira. Na primeira seção, apresenta-se brevemente a Semântica Conceitual e a defesa de que esta seria a teoria semântica mais adequada para explicar como as línguas naturais associam significados às

² Neste ponto, um/a dos pareceristas que gentilmente leu a versão inicial deste manuscrito questionou, de forma muito pertinente, por que um modelo mais redundante (com elementos/traços da Estrutura Conceitual “replicados” no módulo sintático) e com menos regras de interface seria melhor do que um modelo com menos redundância e mais regras de interface. De fato, a resposta a essa pergunta só pode ser elaborada explorando-se o poder explicativo e descritivo de ambas as alternativas. Seguindo Jackendoff (1983), entendemos que a decisão sobre qual seria o melhor modelo deve ser uma questão empírica. Dito isso, é importante também notar que a Nanossintaxe já tem enriquecido a representação sintática com traços semântico-conceituais de forma independentemente motivada e baseada em vasta pesquisa empírica translinguística. O que o restante deste artigo vai explorar é que esse enriquecimento da estrutura sintática permite visualizar uma correspondência mais direta entre a sintaxe e a Estrutura Conceitual, reduzindo a necessidade das regras de interface automaticamente.

estruturas linguísticas. Na segunda seção, enumeramos possíveis aproximações entre os modelos da SC e da Nanossintaxe, sugerindo que uma aproximação mais explícita e sistemática entre ambos os modelos poderia nos ajudar a melhor compreender a relação entre as estruturas linguísticas e seus significados. Isso posto, na seção 3, discutimos um problema central para muitas teorias linguísticas, i.e., a relação entre léxico e gramática, e buscamos deixar mais explícitos os argumentos que embasam a tese do presente trabalho. Na sequência, na seção 4, examinamos alguns dados de variação no uso de verbos bitransitivos do português, em especial a Alternância Dativa, para ilustrar como ambas as teorias dão respostas bastante convergentes para o fenômeno em questão. Por fim, espera-se que as conclusões dessas análises possam constituir evidência contundente de que um caminho de pesquisa sobre a arquitetura da gramática que estabeleça uma relação direta entre o nível nanossintático e a Estrutura Conceitual merece ser explorado.

1 Por que uma Semântica Conceitual para a Nanossintaxe

Como já mencionado, para Jackendoff (2006, p. 355), o objetivo da Semântica Conceitual é investigar "(...) como os enunciados linguísticos estão relacionados à cognição humana, onde cognição é entendida como uma capacidade humana que é, em grande medida, independente da linguagem" (Jackendoff, 2006, p. 355, tradução nossa). Para Jackendoff (2010), a pergunta central que essa teoria busca responder é o desafio colocado por John Macnamara: "Como podemos falar sobre o que vemos?" (Jackendoff, 2010, p. 85, tradução nossa).

A SC defende, portanto, uma abordagem mentalista da linguagem, ao lado de propostas que se colocam no campo dos estudos formais da linguagem. Diferentemente de outras teorias, contudo, para a SC, não existe uma relação direta entre os significados linguísticos e o mundo exterior. Portanto, os significados da linguagem humana não podem ser descritos na base de "conjuntos de indivíduos em mundos possíveis". Para Jackendoff, os significados são codificados "como representações mentais internalizadas" (1983, p. 109, tradução nossa) e a "referência das expressões linguísticas é um construto mental" (Jackendoff, 2010, p. 7, tradução nossa).

Segundo esse autor,

[a] existência de uma categoria ontológica particular não é uma questão de física, especulação metafísica ou parcimônia formal, mas sim uma questão psicológica empírica, a ser determinada com base em seu valor na explicação da experiência e do comportamento de humanos e outros organismos. (Jackendoff, 1983, p. 52, tradução nossa)

De acordo com Jackendoff (1983), a premissa de que a linguagem faz referência ao mundo real está relacionada com uma questão psicológica central da cognição humana, nomeadamente, de que somos constituídos para tratar o mundo projetado (um construto mental) como se fosse o mundo real. Consequentemente, o mundo real só deve ter um papel indireto na linguagem. Nessa perspectiva, posto que se rejeita a ideia de que existe uma conexão direta entre a linguagem e o mundo real, as noções de verdade e referência perdem a centralidade que têm em outras teorias semânticas (Jackendoff, 1983, p. 29). Consequentemente,

(...) esta teoria não contém a noção de referência no sentido padrão. Em vez disso, o construto correspondente é a referência ao mundo como a mente o *concebe*, ou como o falante está, no momento, convidando o ouvinte a *ver* o mundo. (Jackendoff, 2010, p. 7, grifo original, tradução nossa).

Logo, "o sentido das expressões linguísticas consiste em expressões da estrutura conceitual" (Jackendoff, 1983, pg. 36, tradução nossa). Outro axioma central para a SC é a compreensão de que não só os significados das sentenças são composicionais, mas também os significados lexicais. Como já mencionado anteriormente, tendo em vista a criatividade da linguagem na criação de novos conceitos, assume-se que as estruturas lexicais conceituais também são composicionais, embora possam estar submetidas a princípios diferentes daqueles que regem a composicionalidade frasal/sintagmática³.

Diferentemente, contudo, do posicionamento mais radical da semântica montaguiana, que estipula que cada constituinte sintático receba uma interpretação semântica, adota-se uma versão mais flexível dessa relação. Assim, na SC, a tese é que "cada constituinte sintagmático em uma sentença corresponda a um constituinte conceitual na sua estrutura semântica"⁴ (Jackendoff, 1983, p. 76, tradução nossa). A correspondência entre eles, porém, pode ser flexível o suficiente para que uma mesma

³ Como veremos mais adiante, a Nanossintaxe também adota uma postura parecida, embora assuma que, em certa medida, os princípios que regem a composicionalidade lexical e sintagmática são os mesmos.

⁴ Em *Semantics and Cognition*, Jackendoff registra uma ressalva a este princípio, pois, a princípio, a Sintaxe teria um constituinte duplicado X-double-bar (=XP) que não corresponderia a uma categoria semântico-conceitual duplicada. Como a Nanossintaxe assume uma lexicalização sintagmática, esse problema é eliminado.

estrutura sintática veicule diferentes significados e que um mesmo significado apareça em diferentes formas (como nos casos de alternâncias).

É importante esclarecer, ainda, que, embora a Semântica Conceitual tenha nascido em associação com a escola da Semântica Gerativa, sua versão final se distancia da ideia de um Léxico que projete a sintaxe. Para Jackendoff (1990, 2002, 2010), o Léxico é um módulo de interface, enquanto o módulo propriamente gerativo é a Estrutura Conceitual. Assim, a relação entre as arquiteturas paralelas da Sintaxe e da Estrutura Conceitual é estabelecida através de regras. A natureza dessa interface é, portanto, de grande interesse para a presente teoria, mas, por questões de escopo, não será aprofundada neste momento.

Por fim, um argumento que comumente é levantado contra abordagens (de)composicionais do significado questiona os limites da decomposição. Nas palavras de Jackendoff (1990, p. 4, tradução nossa), a pergunta seria: "Como é possível saber que seus supostos primitivos semânticos realmente são primitivos?". A resposta que o autor nos dá é "não sabemos". Ele argumenta, todavia, que as evidências para essa decisão precisam ser de ordem empírica (Jackendoff, 1990, p. 4). Nessa escolha metodológica, a SC também se aproxima da Nanossintaxe.

Como é possível perceber na discussão realizada até aqui, existem muitos pontos de possíveis convergências entre os modelos da Semântica Conceitual e da Nanossintaxe. Na próxima seção, observaremos mais de perto como esse relacionamento tem-se construído.

2 Uma relação que vem de longe

Entre os principais expoentes da Nanossintaxe podemos citar os trabalhos de Starke (2009, 2021), Svenonius (2006, 2008, 2010, 2012), Tarald (2021), Ramchand (2008), Caha (2009), Pantcheva (2011), Baunaz e Lander (2018), em inglês, e de Thayse Ferreira (2021) e Wachowicz, Ferreira e Rammé (2021) em português. Como já mencionado, vários/as desses/as autores/as adotam conceitos da Semântica Conceitual para justificar semanticamente a introdução de um novo traço primitivo na estrutura (nano)sintática. Isso porque, segundo um princípio metodológico da Nanossintaxe, é importante demonstrar empiricamente que qualquer traço que componha a Sequência

Funcional universal (*fseq*) seja semanticamente relevante e/ou encontre materialidade morfológica em alguma língua natural.

Contudo, embora diferentes propostas nanossintáticas incorporem primitivos e princípios da SC no sistema gerativo sintático, permanece o axioma de que a sintaxe é o único nível gerativo. O Léxico é descrito, muitas vezes, como uma “lista passiva”, deixando-se em segundo plano o problema da interface entre o módulo gerativo nanossintático e o módulo semântico-conceitual. Além disso, enquanto alguns trabalhos propõem algum tipo de derivação semântica para cada traço primitivo do sistema gerativo nanossintático (cf. Svenonius, 2006, 2008, 2010, 2012; Ramchand, 2008; Pantcheva, 2011; Ferreira, 2021), não são todos que se detém nisso⁵.

Levando esse cenário em consideração, como forma de ilustrar possíveis convergências entre o modelo da Nanossintaxe e da Semântica Conceitual, listamos brevemente aqui algumas das análises em Nanossintaxe que lançam mão dos primitivos conceituais de Jackendoff. Pantcheva (2011), por exemplo, decompõe o PP (em português, SP, sintagma preposicional) utilizando primitivos semânticos como Alvo, Fonte e Lugar, que são funções semânticas dentro da proposta da SC. Da mesma forma que Jackendoff, ela demonstra a existência de uma hierarquia na ordenação desses traços conceituais, sugerindo que conceitos mais complexos sejam construídos a partir de conceitos mais simples.

Svenonius (2006, 2008), por sua vez, propõe um traço/projeção denominado *AxPart*, baseado na discussão de Jackendoff (1996) e Marr (1982) sobre estruturas axiais. Svenonius (2008, 2010, 2012), além disso, também adota de Jackendoff a assunção de que o conceito primitivo de *Path* (Trajetória) seja construído sobre o conceito mais básico de *Place* (Lugar, cf. Svenonius, 2012, p. 5). Já para Pantcheva (2011), uma decomposição exaustiva do conceito de trajetória associado ao domínio de P se subdivide em 6 (seis) traços primitivos: *{Bound(ed)/Scale}* > *Route* > *Source* > *Goal* > *Place*⁶,

⁵ Uma exceção é a tese da Thayse L. Ferreira, que se propõe a derivar de forma excepcionalmente detalhada uma semântica para cada traço primitivo envolvido nas *fseq* relacionadas às preposições do português brasileiro.

⁶ É interessante notar como Pantcheva (2011) justifica a adoção a nomenclatura proposta por Jackendoff (1983,1990): "(...) van Riemsdijk (1990) proposed that that the syntactic structure underlying directional spatial expressions contains a stative head PLoc (which I will call Place, adopting the terminology in Jackendoff (1983) and Svenonius (2010))" (Pantcheva, 2011, p. 1).

hierarquicamente estruturados. Segundo essa autora, "[e]ssa estrutura sintática reflete a estrutura conceitual de Jackendoff (1983) para expressões espaciais (...)" (Pantcheva, 2011, p. 36, tradução nossa).

Ramchand (2008), por sua vez, incorpora a função *Path* na nanoestrutura do VP (SV, em português), para explicar os chamados verbos incrementais, exatamente como Jackendoff propõe para a Estrutura Conceitual desses verbos. Essa autora decompõe a categoria V em uma hierarquia mais fina que inclui *Initiation (causing projection) > Process > Result*. Do mesmo modo, Jackendoff (1983, 1990) decompõe os significados verbais em conceitos mais finos. Assim, da mesma forma que temos um traço como *Initiation* na estrutura nanossintática, na SC, encontramos a função *CAUSE* na primeira posição da Estrutura Conceitual de um verbo. *CAUSE*, porém, se associa com outras duas funções, *AFF+* e *AFF-* (quando o evento afeta negativamente o paciente e parece remeter ao argumento *UNDERGOER* de Ramchand). Além disso, Jackendoff também propõe a função *INCH*, que licencia argumentos resultantes de um evento, que são, em natureza, estativos. Essa proposição parece ter um direto paralelo com a projeção *Result* de Ramchand, que pode tomar um complemento remático de natureza estativa.

A própria concepção de item lexical da Nanossintaxe é muito próxima do que Jackendoff sugere desde os anos 80 pelo menos. Baunaz e Lander (2018) comentam a respeito em uma nota de rodapé:

É interessante notar que essa visão do léxico — de que estruturas de todos os tipos e tamanhos podem ser armazenadas no léxico, e que algumas entradas lexicais são ‘deficitárias’ de certa forma — é semelhante à concepção de léxico e armazenamento lexical de Jackendoff. (Baunaz; Lander, 2018, p. 35, tradução nossa)

Por fim, merece menção o fato de que tanto a Nanossintaxe, quanto a Semântica Conceitual são modelos flexíveis na medida em que possuem mecanismos para explicar a opcionalidade de determinados argumentos. Dentro da CS, a não obrigatoriedade de um argumento pode ser marcada na forma de um princípio: o "Funções/Argumentos Mais Externos Opcionais"⁷ (Jackendoff, 1990). Esse princípio determina que as funções mais externas de uma Estrutura Conceitual podem receber uma notação que identifica aquela função como opcional. Assim, itens lexicais que carregam a estrutura [*Path TO*] (*Place*

⁷“Optional Outer Functions/Arguments”, no original.

UNDER ([*Thing*])], por exemplo, podem deixar de fora da interpretação a função mais externa [*Path TO*] e serem associados ao sentido de localização. Na Nanossintaxe, a mesma noção é elaborada na forma de um princípio geral, a Condição de Âncora⁸, que permite que os traços mais altos da estrutura de um item lexical não sejam combinados (*Matched*) com uma estrutura construída pela sintaxe desde que os traços mais baixos sejam combinados satisfatoriamente.

Como se pode notar, pesquisadores proeminentes no quadro da Nanossintaxe adotam primitivos conceituais da SC para determinar os traços que fazem parte da estrutura funcional sintática. A relevância semântica desses traços para explicar uma variedade de comportamentos sintáticos de diferentes itens também é usada como evidência para justificar sua existência, ao lado de evidências morfossintáticas. Tendo em vista essa profusão de similaridades entre ambas as teorias, buscamos aqui defender sua aproximação de uma maneira mais explícita e sistemática. Antes de passar à análise propriamente dita dos dados de variação, vamos esclarecer um último ponto central para esta análise: uma suposta divergência na concepção de Léxico e Gramática que ambas as teorias têm.

3 Léxico e Gramática: caminhos que aproximam e afastam

A princípio, um ponto inconciliável entre os dois modelos aqui apresentados seria a divisão categórica entre léxico e gramática assumida pela Nanossintaxe. Porém, em alinhamento com a abordagem cartográfica, na Nanossintaxe, compreende-se que os blocos que a sintaxe manipula são menores do que morfemas e palavras. Desse modo, muitos traços semânticos primitivos podem ser incorporados no sistema sintático, ou, nesse caso, nanossintático. Posto isso, com um arcabouço bastante enxuto de princípios e somente duas operações sintáticas (*Merge/Concatenar* e *Move/Mover*), a Nanossintaxe é capaz de apresentar explicações persuasivas para uma ampla gama de fenômenos nas mais variadas línguas⁹.

⁸ “Anchor Condition”, no original.

⁹ Como já se pode notar, a produção na área é bastante vasta, porém Baunaz e Lander (2018) são um bom exemplo do poder generalizante e explicativo da teoria.

De acordo com esse modelo, o sistema gerativo é responsável por gerar estruturas bastante complexas a partir de traços funcionais e conceituais. Então, à medida que essas estruturas são geradas, elas são comparadas às estruturas estocadas no Léxico de cada língua e, quando uma estrutura bem formada encontra um item lexical que possui uma estrutura idêntica, a estrutura nanossintática é combinada (através da operação *Match*) com aquele item e recebe, desse modo, conteúdo fonológico e conceitual/enciclopédico.

Isso significa que o léxico contém subárvores, ou seja, árvores sintáticas, associadas a informações fonológicas e conceituais. As entradas lexicais serão minimamente da forma <informação fonológica, árvore sintática, informação conceitual>, e o *spellout* se torna uma operação que faz o *match* entre a árvore construída pela sintaxe e as (sub)árvores armazenadas nas entradas lexicais. (Starke, 2009, p. 2, tradução nossa)

Note-se que, nesse modelo, o Léxico é capaz de guardar estruturas arbóreas sintáticas. Segundo Caha (2021), porém, essas estruturas interagem de forma passiva com a sintaxe. Caha (2021), especificamente, critica o modelo da *Simpler Syntax* ("Sintaxe Mais Simples", em português) de Culicover e Jackendoff (2006, p. 416 *apud* Caha, 2021), pois, segundo ele,

(...) embora a possibilidade de armazenar sintagmas seja compartilhada entre a Nanossintaxe e a *Simpler Syntax*, há uma diferença clara aqui. Na Nanossintaxe, é impossível conceber o léxico como contendo todas as regras que 'permitem a combinatorialidade sintática'. Ao contrário, a sintaxe opera de acordo com suas próprias regras e princípios, combinando um traço por vez. (...) A única função que o léxico (...) desempenha é a de vincular as saídas da sintaxe às suas representações fonológicas e/ou conceituais (...) e permanece uma lista passiva, consultada apenas durante o mapeamento da sintaxe para PF/CF. (Caha, 2021, p. 11, tradução nossa)

É importante notar, contudo, que, na proposta da Arquitetura Paralela, a Sintaxe também é entendida como um sistema com seus próprios princípios e regras. Assim, a ideia de um Léxico que contém "todas as regras que 'permitem a combinatorialidade sintática'" não deve ser interpretada como se o Léxico estivesse projetando a sintaxe. Ao contrário, se considerarmos o Léxico como um módulo de interface, podemos manter a noção de que itens lexicais guardam estruturas sintáticas. Contudo, nesse cenário, essas estruturas armazenadas nos itens lexicais funcionariam como um meio de restringir as estruturas sintáticas nas quais esses itens podem aparecer, mais ou menos como a operação *Match*, e não a sintaxe em si. O módulo sintático permanece, assim,

independente do Léxico. Esse é de fato o caso na proposta da *Simpler Syntax*, pois Culicover e Jackendoff (2005) sugerem que

As restrições sobre a ordem linear vêm em duas variedades. A primeira variedade corresponde às regras tradicionais de estrutura de frases: estes são os princípios sintáticos autônomos (...). A segunda variedade consiste em restrições semânticas sobre a ordem de palavras/frases; essas são regras de interface sintagmática. (Culicover e Jackendoff, 2005, p. 170)

Note-se que a premissa de "princípios sintáticos autônomos" está claramente exposta nesta declaração. O que, de fato, se diferencia muito da Nanossintaxe é a compreensão de quais seriam esses princípios, somado ao entendimento de que os elementos mais básicos da sintaxe são categorias sintáticas (Nome, Verbo, etc.) e não traços primitivos. Nos ateremos aqui, desse modo, no que há em comum nas duas teorias, nas palavras de Caha (2021), "a possibilidade de guardar estruturas" no Léxico, e esperamos demonstrar que, justamente, uma visão mais rica da sintaxe, como a proposta pela Nanossintaxe, pode oferecer caminhos interessantes para uma melhor compreensão da interface sintaxe-semântica ou da relação entre léxico e gramática.

Um ponto central para isso é compreender que a Nanossintaxe já assume que a semântica (gramaticalmente relevante) encontra-se diretamente dentro do módulo sintático e está submetida a seus princípios de construção sintagmática¹⁰. Como já comentado, porém, nesse modelo, o módulo gerativo segue sendo exclusivamente a sintaxe. Segundo Baunaz e Lander (2018, p. 36), "(...) morfemas são construídos pela sintaxe, e os blocos básicos primitivos da sintaxe (...) são traços" fornecidos pela GU. Segundo esses autores, portanto, "um objetivo central da Cartografia (e da Nanossintaxe) é determinar exatamente quais partes do significado (...) devem ser sintaticamente codificadas" (Baunaz; Lander, 2018, p. 18, tradução nossa). Essa riqueza na estrutura

¹⁰ Neste ponto, um/a dos pareceristas que gentilmente leu a versão inicial deste manuscrito questionou se o fato de a semântica estar dentro do módulo sintático não criaria problemas para o modelo proposto, visto que, na arquitetura da SC, a semântica é identificada com a Estrutura Conceitual e está de fora da sintaxe. De fato, a proposta que está sendo elaborada neste artigo se difere da proposta nanossintática tradicional nesse aspecto, pois, como já foi discutido na seção 2, do mesmo modo que se considera problemático reduzir o módulo semântico a um módulo interpretativo, seria reducionista assumir que a semântica estaria "dentro" do módulo sintático. O que se pretende propor aqui é que alguns traços semântico-conceituais poderiam ser compartilhados por ambos os módulos, nomeadamente aqueles que estão presentes nas estruturas criadas por cada módulo independentemente e que ficam visíveis para os outros módulos na interface.

sintática, ademais, teria uma consequência direta para a interpretação pós-sintática, pois diminuiria o trabalho dos outros níveis.

Embora não conceba a Semântica como um nível exclusivamente interpretativo, também é importante lembrar que a Semântica Conceitual descarta igualmente a ideia de que o Léxico seja um módulo gerativo. Como já mencionamos mais de uma vez, a Estrutura Conceitual também é um módulo gerativo, que se relaciona com a sintaxe através do Léxico. O Léxico na SC, portanto, é entendido da mesma forma que na Semântica Cognitiva: como um lugar onde estão gravadas informações na memória de longo-prazo. Ao mesmo tempo, contudo, também é central para a SC a compreensão de que o Léxico não é uma lista de unidades passivas.

Dentro dessa concepção, então, uma palavra não é vista como uma unidade passiva a ser movida em uma derivação, mas como parte dos componentes de interface. Ela é um link de longo prazo entre um pedaço de fonologia, um pedaço de sintaxe e um pedaço de semântica, estipulando que essas três partes podem ser correlacionadas como parte de uma sentença bem formada. (Jackendoff, 2010, p. 17, tradução nossa)

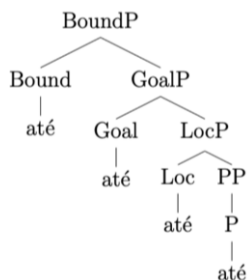
Por fim, é relevante reforçar que, diferentemente da Nanossintaxe, para a SC, não existe um nível de significado linguístico e um de significado extralinguístico/enciclopédico/conceitual. Para Jackendoff, "(...) um nível semântico separado é desnecessário e, até certo ponto, indesejável, dado o entrelaçamento das informações da estrutura conceitual provenientes da linguagem e de fontes não linguísticas" (Jackendoff, 2010, p. 9)

Segundo a SC, portanto, o "significado linguístico" é simplesmente a parte da estrutura conceitual que é visível para a sintaxe. Na presente proposta, desse modo, essa parte "visível" para a sintaxe seria o conjunto de traços conceituais compartilhados por ambos os níveis e que se constituem como os elementos básicos das respectivas estruturas. Para tentar elucidar, então, que parte seria essa e de que forma ela estaria visível de um módulo a outro, avançaremos nossa discussão, elucidando a visão de Léxico adotada neste trabalho. Começamos comparando as duas propostas em relação a como cada uma concebe a forma dos itens lexicais, ou seja, os termos estocados na memória de longo-prazo que chamamos de Léxico.

Uma entrada lexical nanossintática carrega três tipos de informação, conforme a representação a seguir: </fonologia/, traços SMS¹¹ da *fseq*, CONCEITO>. Abaixo, a entrada lexical da preposição "até", retirada de Ferreira (2021, p. 250), ilustra essa proposta:

Figura 5: Entrada Lexical de "até" em português

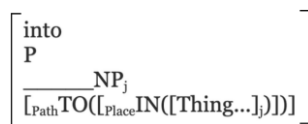
'até' = </a'tɛ/ ⇔ [BoundP [GoalP [LocP [PP]]]] ⇔ AT>



Fonte: Thayse L. Ferreira (2021, p. 250)

Como se pode observar, a estrutura arbórea nanossintática inclui, para esse item, traços SMS primitivos estruturados hierarquicamente através de relações binárias. A dimensão conceitual (que seria o *AT*, à direita), contudo, não é detalhada. Paralelamente, como já visto na Fig. 4, a Semântica Conceitual assume que uma entrada lexical é um termo que guarda e relaciona as estruturas construídas pelos três módulos da gramática, no formato [fonologia / sintaxe / semântica]. Além dessas informações, na SC, ele também carrega índices que codificam a relação entre os constituintes sintáticos e os argumentos semânticos. Abaixo, ilustramos essa configuração com um exemplo retirado de Jackendoff (2002, p. 365) para a preposição "into" ("para" ou "em"):

Figura 6: Entrada Lexical de "into"



Fonte: Jackendoff (2002)

Como se pode observar, para Jackendoff, o item lexical tem uma representação inversamente proporcional à concebida pela Nanossintaxe. A estrutura sintática permanece, assim, bastante simples, contendo somente os rótulos de categoria. O cenário que se desenha em nossa frente é: se por um lado a Nanossintaxe enriquece a estrutura

¹¹ SMS: sintáticos, morfológicos e semânticos.

sintática, ela reduz o trabalho do módulo semântico-conceitual. Em um sentido contrário, a Semântica Conceitual enriquece a estrutura semântico-conceitual e simplifica o trabalho da sintaxe. A pergunta que nos colocamos então é: se considerarmos que ambas as estruturas são igualmente ricas (da mesma forma que a estrutura fonológica o é, em paralelo), não seria possível simplificar a interface, i.e., as regras de ligação e correspondência entre forma e significado? Tentaremos esboçar uma possível primeira resposta, analisando alguns dados de variação nas estruturas bitransitivas do português na próxima seção.

4 Bitransitividade e Alternância Dativa no português

Como já mencionado, neste trabalho, busca-se aproximar as propostas da Nanossintaxe e da Semântica Conceitual. Para ilustrar essa possibilidade, buscaremos descrever, em termos semântico-conceituais e nanossintáticos, a variação no uso de verbos bitransitivos na língua portuguesa. Tendo em vista a extensão dessa discussão, o recorte deste artigo dará especial atenção à alternância dativa que esses verbos licenciam e a possibilidade de construções de objeto duplo (COD) em português.

Essa alternância se mostra interessante, em primeiro lugar, porque, embora a construção bitransitiva esteja associada a uma ampla gama de sentidos, estudos tipológicos sugerem que as diferentes possibilidades sintáticas existentes para a expressão dos argumentos de verbos bitransitivos são altamente limitadas. Ou seja, existem, a princípio, somente três padrões estruturais que estariam dividindo as línguas do mundo em três grupos: a) aquelas que apresentam a construção dativa preposicionada; b) aquelas que possuem a construção de objeto secundário; e, por fim, c) aquelas que admitem a construção de objeto duplo (Santana, 2019).

Além disso, as línguas também se diferenciariam entre aquelas que permitem ou não a alternância entre mais de uma das estruturas acima na expressão do dativo. A língua portuguesa estaria no primeiro grupo e, a princípio, não permitiria a alternância dativa. O inglês, por outro lado, não só permitiria tal alternância como a favoreceria no caso de verbos *dicendi* e benefactivos. Ao mesmo tempo, construções em que o Alvo do evento de transferência não pudesse ser interpretado como um Beneficiário bloqueariam a COD. Os exemplos (1) e (2) abaixo são ilustrativos desses cenários respectivamente:

(1) Joan sent Bill_[Dat/Beneficiário] the package_[Acc/Tema].

(2) *Joan sent New York_[Dat/Alvo] the package_[Acc/Tema].

Trabalhos que se debruçaram sobre distintas variedades do português no Brasil e na África, contudo, têm reunido dados que comprovam a possibilidade da alternância e a existência, em língua portuguesa, de predicados com objeto duplo (Gonçalves, 1990, 1996; Lucchesi; Mello, 2009; Santana, 2019). As próximas subseções, portanto, exploram o método decomposicional para descrever as diferentes possibilidades de conceptualização envolvidas nos significados da COD na Nanossintaxe e na Semântica Conceitual.

4.1 Uma fotografia da variação no português

Embora, por uma questão de espaço, não seja possível mencionar aqui todos os trabalhos que se debruçaram sobre esse fenômeno na língua portuguesa, dois deles merecem destaque. No mais recente, Furtado da Cunha (2020) apresenta os resultados de uma extensa pesquisa¹² que levantou os usos dos verbos bitransitivos no português brasileiro (PB) e os associou a diferentes sentidos, como transferência, movimento, criação/preparação, permissão, *discendi*, etc.

Santana (2019), por sua vez, apresenta um vasto panorama da variação na forma e nos usos da construção bitransitiva no português a partir de trabalhos sobre diferentes variedades da América, África e Europa. Entre os dados analisados por essa autora, além da tradicional construção dativa preposicionada (“eu dou dinheiro para você”, por exemplo), encontramos ocorrências de construções de objeto duplo (COD), como as seguintes (dados de Santana, 2019):

(3) “eu dô você dinheiro” [MC_JUSCAH2]

(4) “da seôro um meio da vida” [AL_MAURIH2]

(5) “deu essa mulher purada” [AL_ANTOM1]

Os resultados de sua pesquisa que foram considerados de interesse para o presente trabalho encontram-se organizados no quadro abaixo:

¹² Em seu levantamento, a autora inclui a construção de objeto indireto (OI) pronominal (Ele me disse), contudo, neste artigo, por uma questão de espaço, deixaremos esta discussão de fora.

Quadro 1: Características das construções bitransitivas nas variedades do português

Variedade do português:	Características gerais das construções bitransitivas:
Variedades Africanas	-preposição predominante "a" -ordem da COD: preferencialmente OI-OD -COD como um fenômeno da oralidade -verbos benefativos e <i>dicendi</i> favorecem a COD -em algumas variedades, a COD acontece apenas com os verbos <i>core dative</i> (aqueles que causam posse)
Variedades Americanas	-preposição predominante "para" -ordem da COD: OD-OI e OI-OD -fenômeno da oralidade -verbos <i>doar, contribuir e distribuir</i> , diferentemente do inglês, licenciam a COD -verbos benefativos, leves e <i>dicendi</i> favorecem a COD
Variedade Europeia	-preposição predominante "a" -não aceita a COD

Fonte: A autora, a partir do trabalho de Santana, 2019

Nas próximas duas seções, desse modo, apresentamos brevemente como a Nanossintaxe e a Semântica Conceitual descrevem e explicam os dados de alternância aqui examinados.

4.2 Alternância Dativa na Semântica Conceitual

Na perspectiva da SC, considerando-se que um dado verbo possui uma determinada Estrutura Conceitual, organizada segundo a Hierarquia Temática, as realizações dos argumentos da Estrutura Conceitual desse verbo podem ser ligadas a diferentes configurações sintáticas. As suas possíveis interpretações, por sua vez, estarão submetidas à ordem imposta pela Hierarquia. Tomemos como exemplo a Estrutura Conceitual do verbo "dar" abaixo, que se encontra em grande parte dos verbos de transferência:

$$(6) \quad [CS^+ ([\quad]_i, [GO_{Poss} ([\quad], [FROM [\quad]_i TO [\quad]]]))]$$

Essa estrutura representa um evento causativo (CS^+). O primeiro argumento de CS^+ é interpretado como o desencadeador de um evento de movimento. É importante notar, também, que o segundo argumento de CS^+ é um subevento de movimento introduzido pela função GO. Essa função-Evento, por sua vez, possui três argumentos,

um primeiro argumento, que é o Tema (aquilo que se move ou é movido), e outros dois argumentos que indicam a Origem/Fonte e o Destino/Alvo do movimento.

Nessa representação, estamos tratando, portanto, do Nível Temático, aquele que codifica eventos e estados de movimento e localização. Paralelamente, contudo, o significado de um verbo também é construído em outro nível dentro da Estrutura Conceitual. No Nível da Ação são construídos os significados que lidam com as relações Ator-Paciente/Beneficiário, ou, na terminologia talmyana, das oposições entre um agonista e um antagonista. Portanto, o primeiro argumento de AFF^+ é um Ator e o segundo argumento, um Beneficiário. No caso de eventos causativos do tipo CS^- , o segundo argumento de AFF^- será um Paciente (afetado). Assim, o verbo "dar" carrega a seguinte estrutura do Nível da Ação:

(7) [AFF^+ ([], [])]

Note-se que o objeto em movimento não é entendido aqui como um argumento de AFF^+ , mas como um argumento do subevento de movimento GO no Nível Temático. Logo, é na interação entre o Nível Temático e o Nível da Ação que são gerados os sentidos associados às variações entre argumentos que podem ser interpretados como Atores, Pacientes, Beneficiários, Temas e Alvos/Fonte de um evento. Essa interpretação, contudo, não é aleatória, mas é restringida pela Hierarquia Temática conceitual, que segue a seguinte ordem:

(8) Hierarquia Temática

Ator > Paciente/Beneficiário > Tema > Alvo/Fonte/Localização (Jackendoff, 1990, p. 258, tradução nossa)

O que restringe a interpretação dos papéis dessa hierarquia é a Regra da Ordenação da Hierarquia Temática, que estipula que se deve ordenar os argumentos do Nível da Ação da esquerda para a direita, seguidos pelos argumentos do Nível Temático (Jackendoff, 1990, p. 258). Uma consequência interessante dessa regra é que, na presença de argumentos Atores e Pacientes/Beneficiários na entrada lexical de um determinado verbo, esses argumentos terão preferência na ligação com os constituintes mais altos na hierarquia sintática do mesmo verbo, que são, em geral, o sujeito e seu primeiro complemento. No caso de um verbo possuir mais do que dois complementos, a interpretação do significado da construção em que o verbo se encontra seguirá a Hierarquia Temática. A hierarquia sintática, por sua vez, será determinada por regras internas e autônomas do sistema sintático e uma regra específica de interface, a Regra de

Ligação de Argumentos, determinará como esses serão ligados aos constituintes sintáticos.

A aplicação dessas regras na análise dos verbos bitransitivos em Alternância Dativa parece deduzir exatamente os padrões que encontramos nas línguas naturais e, conseqüentemente, nas variedades do português aqui analisadas. Para enunciados como os de (3) a (5), desse modo, temos a seguinte Estrutura Conceitual:

- (9) [CS⁺([EU]_i, [GO_{Poss} ([DINHEIRO], [FROM []_i TO [VOCÊ]_j]])]
[AFF⁺ ([EU]_i, [VOCÊ]_j)]
- (10) [CS⁺([“ISSO”]_i, [GO_{Poss} ([MEIO DE VIDA], [FROM []_i TO [SEÔRO]_j]])]
[AFF⁺ ([“ISSO”]_i, [SEÔRO]_j)]
- (11) [CS⁺([“ELE”]_i, [GO_{Poss} ([PURADA], [FROM []_i TO [MULHER]_j]])]
[AFF⁺ ([“ELE”]_i, [ESSA MULHER]_j)]

Por uma questão de espaço, analisaremos em detalhe somente o primeiro exemplo (9). Porém, estamos assumindo que a mesma análise se aplica a todos os casos. Assim, seguindo a Regra de Ligação de Argumentos e a Regra da Ordenação da Hierarquia Temática, interpretamos o primeiro SN, nomeadamente, o sujeito sintático, como o primeiro argumento de AFF⁺ ou seja, o Ator que desencadeia o evento de transferência. Esse sentido se harmoniza com a interpretação de que o primeiro argumento de AFF⁺ está vinculado ao primeiro argumento de CS⁺. Em seguida, associamos o segundo argumento de AFF⁺, o Beneficiário, ao primeiro complemento sintático após o verbo, no caso, "você". Note-se que na Estrutura Conceitual do Nível Temático, "você" é argumento da última função TO. Por fim, então, interpretamos o segundo SN depois de V como o Tema, que é o primeiro argumento da Hierarquia Temática, ou seja, a coisa/objeto que está se movendo.

No caso de uma sentença em que o argumento Beneficiário é introduzido por uma preposição, a própria preposição contribui para a interpretação com sua Estrutura Conceitual, introduzindo o Alvo do evento de movimento/transferência. Tendo em vista que, nesses casos, o segundo argumento de AFF⁺ não está mais vinculado à Estrutura Conceitual do verbo, mas passa a ser argumento da Estrutura Conceitual da preposição, a ordem de interpretação seguirá a Hierarquia Temática Ator > Tema > Alvo¹³. É

¹³ Aqui também se torna relevante a noção de Adjunto e seu tratamento na Semântica Conceitual. Porém, por questão de espaço, não poderemos nos aprofundar nessa discussão. Sugere-se a leitura de Jackendoff (1990), especialmente capítulos 9 e 11, para um tratamento mais detalhado.

interessante observar como, nesses casos, as línguas recrutam sistematicamente preposições que introduzem alvos de movimento, como “a” e “para”, para expressar os sentidos dos complementos Dativo/Beneficiário. Isso fica evidente nos dados do português (Quadro 1).

Tendo apresentado a proposta de tratamento da construção bitransitiva e da Alternância Dativa na perspectiva da SC, passaremos à análise dos mesmos dados à luz da proposta nanossintática.

4.3 A Alternância Dativa na Nanossintaxe

Nesta seção, veremos como a análise de tais construções com as ferramentas da Nanossintaxe parece ser restringida por hierarquias conceituais que se aproximam da proposta da SC em muitos pontos. O primeiro deles é que, em termos nanossintáticos, a alternância também deve ser licenciada por uma hierarquia de traços, representada aqui pela Sequência Funcional (*fseq*). A diferença está na proposta de que essa hierarquia é construída pela sintaxe. Seguindo (Rocquet, 2013) e Ramchand (2008), além disso, da mesma forma que na SC, podemos assumir que as estruturas guardadas nas entradas lexicais verbais incluem traços comumente associados ao domínio das Preposições (P) e do Nome (N). O trabalho central da teoria nanossintática é, portanto, encontrar evidências morfossintáticas e semânticas que justifiquem a ordem de traços proposta.

Um desafio que a teoria tem encontrado relaciona-se exatamente com o tipo de verbo e de alternância que estamos analisando aqui. Isso porque, por um lado, existe um certo consenso sobre a ordenação dos traços que compõem o domínio espacial (P). Por outro, também há uma certa unidade em torno da hierarquia que forma o domínio do que tradicionalmente chamamos de caso (K). Contudo, resta incerto como essas hierarquias se relacionam entre si e com o domínio verbal (V).

Apesar disso, tomando como ponto de partida a proposta de Ramchand, assumimos que verbos como "dar" carregam a estrutura nanossintática [InicP > ProcP > ResP]. Assim, o argumento de cada projeção é interpretado de acordo com a semântica a ela associada. Logo, o argumento de InicP (o argumento externo) é interpretado como o desencadeador do evento. O argumento de ProcP é interpretado como aquele que sofre ou se beneficia do processo. Finalmente, o argumento de ResP identifica o *Resultee*, que,

no caso desses verbos é o mesmo argumento de ProcP, garantindo a interpretação de que o Beneficiário deste tipo de evento também seja identificado como o local resultante do movimento ou o possuidor do objeto que está sendo transferido.

Para licenciar o objeto que está sendo movido, contudo, segundo Ramchand (2008), a projeção ResP precisará tomar como seu complemento uma projeção estativa na forma de uma preposição possessiva P_{have} morfossintaticamente nula. O argumento de P_{have} é interpretado, assim, como o argumento que, ao final do evento, termina em algum lugar ou em posse de alguém. Portanto, sentenças como aqueles de (3) a (6)¹⁴ teriam os papéis temáticos/argumentais Iniciador > *Undergoer* > *Resultee*¹⁵:

(12) Eu_[Iniciador] dô_[InitP>ProcP>ResP] você_[Undergoer/Resultee] dinheiro_[Argumento de P-have].

Note-se que "dinheiro", nessa representação, não seria um argumento de "dar", mas de uma projeção que estaria na posição de complemento de ResP. Alternadamente, na construção preposicionada, esse complemento preposicionado de ResP seria lexicalizado por uma preposição como "para" ou "a", que carregaria algum traço locativo. Na proposta de Ramchand, além disso, uma preposição como "to" (no caso, "para") pode lexicalizar ResP, o que garantiria sua seleção para introduzir argumentos verbais *Resultees*. No caso aqui analisado, temos a seguinte configuração:

(13) Eu_[Iniciador] dô_[InitP>ProcP>] dinheiro_[Undergoer] para_[ResP] você_[Resultee].

As Hierarquias de Casos também podem explicar essas alternâncias e restrições. Tanto a proposta de Caha (2009), quanto de Rocquet (2013) colocam o traço Dativo estruturalmente acima do Acusativo. Logo, em uma COD, o primeiro argumento interno de um verbo de transferência será interpretado como Dativo, enquanto que o próximo será interpretado como Acusativo. Já no caso de o Dativo ser licenciado por uma preposição, o único argumento licenciado pelo verbo é, necessariamente, interpretado como Acusativo, como se pode verificar abaixo:

(14) Eu_[Nom] dô você_[Dat] dinheiro_[Acc].

(15) Eu_[Nom] dô dinheiro_[Acc] para_[DatP/AlvoP] você_[Dat/Alvo].

Note-se que essa configuração também explica por que o sentido de Alvo parece ser mais comumente bloqueado na versão da COD (14): na ausência da preposição, que carrega o traço de Alvo, o verbo não é capaz de, sozinho, garantir essa interpretação. É

¹⁴ Novamente, limitarmos a análise ao primeiro exemplo por uma questão de espaço.

¹⁵ Argumentos de IniP, ProcP e ResP, respectivamente.

importante notar como a flexibilidade na associação entre os participantes do evento e as suas diferentes fases (*Init/Proc/Res*) ou os diferentes traços da Hierarquia de Casos parece comprovar a constatação de Jackendoff (1990) de que a única diferença de significado entre as construções bitransitivas alternantes seria o fato de que, na COD, o Alvo é mais facilmente interpretado como Beneficiário (Jackendoff, 1990, p. 199).

Em (15), por outro lado, "você" pode ser tanto interpretado como o Beneficiário, associado ao Dativo, quanto como o Alvo do movimento sofrido pelo Tema, pois são ambos traços que a preposição "para" carrega. Além disso, a Hierarquia também explica por que as construções de COD tendem a bloquear um argumento com o sentido de Alvo para o OI no inglês, pois, inversamente, um argumento Alvo que não pudesse ser interpretado como Beneficiário não poderia ser considerado um argumento verbal associado ao traço Dativo. As variedades do português analisadas por Santana (2019), contudo, trouxeram evidências de que esse tipo de COD é atestado na língua portuguesa. Isso nos leva a crer que, em português, verbos do tipo "dar" também podem carregar em suas estruturas os traços de Alvo ou Trajetória, conforme proposto por Ramchand (2008) e Rammé (2017) para alguns verbos de movimento.

Contudo, como se pode notar, a falta de consenso sobre quais *fseq* estariam envolvidas no licenciamento dessas estruturas nos impede de fazer uma proposta nanossintática unificada para a análise da bitransitividade e da alternância dativa no português. Essas breves descrições, apesar disso, parecem nos permitir generalizações interessantes. A hipótese desse trabalho é que as questões em aberto talvez encontrem resposta no aprofundamento futuro da relação entre a teoria nanossintática e a SC.

Considerações transitórias e análises paralelas

A análise apresentada aqui de forma muito breve permite-nos visualizar a convergência existente entre os dois modelos utilizados. Por um lado, a Semântica Conceitual propõe para os verbos bitransitivos uma Estrutura Conceitual que inclui primitivos como Causa (CS^+), Movimento (GO), Trajetória/Alvo (TO) e Afetação (AFF), incluindo suas facetas positiva (AFF^+), para a relação entre Ator e Beneficiário, e negativa (AFF^-), para a relação Ator e Afetado. Paralelamente, a Nanossintaxe descreve os mesmos dados lançando mão de uma *fseq* que pode incluir traços semântico-conceituais como

Iniciação, Processo e Resultado, até traços como Dativo, Acusativo, Trajetória e Alvo. Em ambas as análises, a restrição imposta pelas respectivas hierarquias parece ser o princípio que regula as construções possíveis e suas interpretações.

No quadro abaixo, podemos visualizar esse paralelismo de maneira mais direta:

Quadro 2: Hierarquias paralelas para as construções bitransitivas

Estrutura Conceitual e Hierarquia Temática (Semântica Conceitual)		<i>Fseq</i> de diferentes domínios (Nanossintaxe)	
a. [AFF (X* , Y)] b. [AFF (X , Y*)] c. [<i>Event/State</i> F (X* , Y)] d. [<i>Path/Place</i> F (X*)]	1. <i>Actor</i> 2. <i>Patient/</i> <i>Beneficiary</i> 3. <i>Theme</i> 4. <i>Location/</i> <i>Source/Goal...</i>	V Iniciação > Processo > Resultado > Trajetória/Lugar > Tema...	P / N ... Genitivo > Dativo > Acusativo > Localização (<i>Path/Place</i>)...

Fonte: A autora

Com esse quadro em mente, para encerrar o presente artigo, redijo estas breves considerações transitórias apropriando-me das palavras de Jackendoff (1990):

O Problema da Correspondência é caracterizar a relação entre o tratamento formal do significado e a estrutura formal da sintaxe. Esses dois problemas claramente não são inteiramente separados. A escolha de um formalismo semântico tem um efeito imediato nas possíveis soluções para o Problema da Correspondência. Todas as outras coisas sendo iguais, devemos preferir uma solução para o Problema do Significado que permita uma solução mais clara para o Problema da Correspondência. (Jackendoff, 1990, p. 1, tradução nossa)

Como se pode ver, a questão central para a presente pesquisa pode ser descrita precisamente como um "Problema de Correspondência". Essa investigação busca, em uma última instância, uma explicação para a relação entre forma e sentido que seja suficientemente rica e suficientemente restrita para dar conta de toda a variação que observamos nos dados do português. Ao mesmo tempo, seguindo Jackendoff (1990), assumimos um posicionamento mais flexível em relação à hipótese de que um elemento do nível sintático deve corresponder a um constituinte do nível semântico. Espera-se que a discussão elaborada aqui tenha sido suficientemente instigante para que o leitor/a leitora se sintam motivados a elaborar suas próprias teses sobre o assunto.

Além disso, é importante ressaltar as vantagens de se conceber a gramática nos moldes da Arquitetura Paralela, defendendo-se a autonomia da sintaxe e da semântica

(Jackendoff, 1990, p. 285-286). Ao concordarmos que tanto o módulo sintático, quanto o módulo semântico são módulos gerativos, com suas próprias regras e complexas estruturas internas, temos uma visão mais nítida de qual deve ser nosso trabalho para explicitar essa íntima relação de correspondência entre ambos.

Talvez um obstáculo a superar, nesse caminho, seja o descompasso entre as concepções de sintaxe e semântica que cada teoria assume. Enquanto, por um lado, Jackendoff está dialogando com a sintaxe gerativa tradicional, cujos blocos elementares são constituintes como SN, Verbo, Preposição, etc, por outro, a Nanossintaxe está dialogando com a semântica em uma perspectiva formal, ou seja, unicamente interpretativa. Este trabalho defende a tese que, ao estabelecer um diálogo entre a Nanossintaxe e a Semântica Conceitual, talvez seja possível elaborar uma teoria mais simples e acurada sobre sua interface.

REFERÊNCIAS

BAUNAZ, Lena; LANDER, Eric. Nanosyntax: The Basics. In: BAUNAZ, Lena; DE CLERCQ, Karen; HAEGEMAN, Liliane; LANDER, Eric. **Exploring Nanosyntax**. Nova York: Oxford University Press. p. 3-56, 2018.

CAHA, Pavel. **The nanosyntax of case**. 334f. Tese (Doutorado). Faculty of Humanities, University of Tromsø, Tromsø, 2009.

CAHA, Pavel. Minimalism and Nanosyntax: Reconciling Late Insertion and the Borer-Chomsky Conjecture. **Cambridge Handbook of Minimalism**, 2021. Disponível em: <https://lingbuzz.net/lingbuzz/006138/current.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

CULICOVER, Peter W.; JACKENDOFF, Ray. **Simpler syntax**. Nova York: Oxford University Press, 2005.

FERREIRA, Thayse Letícia. **Uma investigação (Nano)sintático-semântica das preposições espaciais do português brasileiro**. 275f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos - São Carlos, 2021.

FERREIRA, Thayse Letícia; RAMMÉ, Valdilena; WACHOWICZ, Teresa (Orgs.). Investigações em Nanossintaxe. **ReVEL**, edição especial, v. 19, n. 18, 2021. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=60>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. **Gragoatá**, v.25, n. 52, p. 785-808, 2020.

GONÇALVES, Perpétua Morgado. **A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos**. Dissertação de

Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Lisboa-Faculdade de Letras, 1990.

GONÇALVES, Perpétua Morgado. Português de Moçambique: uma variedade em formação. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da U.E.M., 1996.

JACKENDOFF, Ray. **Semantics and Cognition**. Cambridge: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic Structures**. Vol. 18. Cambridge: MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, Ray. **Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

JACKENDOFF, Ray. On conceptual semantics. **Intercultural Pragmatics**, vol. 3, no. 3, 2006, pp. 353-358.

JACKENDOFF, Ray. **Meaning and the lexicon: The parallel architecture 1975-2010**. OUP Oxford, 2010.

LUCCHESI, Dante; MELLO, Camila. A LUCCHESI, Dante; MELLO, Camila. A alternância dativa. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARR, David. **Vision: a computational investigation into the human representation and processing of visual information**. São Francisco: W. H, Freeman, 1982.

PANTCHEVA, Marina. **Decomposing Path: The Nanosyntax of Directional Expressions**. Tese de Doutorado. 301 f. University of Tromsø, Tromsø, 2011.

RAMCHAND, Gillian. **Verb meaning and the lexicon: A first-phase syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

RAMMÉ, Valdilena. **Mudança semântica no PB: reanálise restringida pela hierarquia funcional-conceitual universal**. 318f. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2017.

ROCQUET, Amélie. **Splitting objects: A nanosyntactic account of direct object marking**. 236f. Tese (Doutorado). Ghent University - Ghent, 2013.

SANTANA, Natali Gomes de Almeida. **As construções dativas no português de duas comunidades bilíngues de São Tomé (África)**. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019.

STARKE, Michal. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. **Nordlyd**, v. 36, n. 1, p. 1-16, 2009.

STARKE, Michal. Reply to comments on Universal Morphology. Isogloss. **Open Journal of Romance Linguistics**, p. 1-10, 2021.

SVENONIUS, Peter. The Emergence of Axial Parts. Nordlyd. **Tromsø University working papers on language & linguistics**, v. 33, n. 1, pp. 49-77, 2006.

SVENONIUS, Peter. Projections of P. In: Anna Asbury; Jakub Dotlačil; Berit Gehrke; Rick Nouwen (Ed.). **Syntax and semantics of spatial P**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 63-84, 2008.

SVENONIUS, Peter. Spatial P in English. In: Cinque, Guglielmo; Rizzi, Luigi (Orgs). **Mapping spatial PPs: The cartography of syntactic structure**. Nova York: Published by Oxford University Press, p. 127-160, 2010.

SVENONIUS, Peter. **Structural decomposition of spatial adpositions**. Workshop paper. Tromsø University, Noruéga, 2012. Disponível em: http://www.linguistics.rub.de/TheMeaningofP2012/Svenonius_Handout.pdf. Acesso em 31 jul. 2024.

TARALDSEN, Knut Tarald. The gamma pattern in Portuguese verbal inflection. **ReVEL**, Edição especial, v. 19, n. 18, p. 324-357, 2021. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=60>. Acesso em: 31 jul. 2024.